

# 1

Uma mulher estava sentada no bar de um hotel, os olhos postos na porta. A sua aparência era elegante e bem-arranjada: blusa branca, cabelo louro penteado para trás das orelhas. Ela espreitou o ecrã do seu telemóvel, no qual se via uma troca de mensagens, e depois tornou a olhar para a porta. Era final de março, o bar estava calmo e do lado de fora da janela, à sua direita, o Sol começava a pôr-se sobre o Atlântico. Passavam quatro minutos das sete da tarde, depois cinco, seis minutos se passaram. Por breves instantes, e sem nenhum interesse aparente, ela examinou as próprias unhas. Às sete horas e oito minutos um homem transpôs a porta de entrada. Era franzino e tinha o cabelo escuro, o rosto estreito. Olhou em redor, perscrutando os rostos dos outros clientes, e depois sacou do telemóvel e consultou-o. A mulher à janela reparou nele, mas, para além de o observar, não fez qualquer esforço para chamar a sua atenção. Aparentavam ter a mesma idade, vinte e muitos ou trinta e poucos anos. Ela deixou-o ficar ali especado, até ele reparar nela e se aproximar.

És a Alice?, perguntou.

Exato, replicou ela.

Pois, eu sou o Felix. Desculpa o atraso.

Num tom amável, ela respondeu: Tudo bem. Ele perguntou-lhe o que queria beber e depois foi ao bar fazer os pedidos. A empregada cumprimentou-o com um como é que está tudo?, ao que ele replicou: Bem, e contigo? Pediu um vodca tónico e um quartilho de cerveja. Em vez de levar a garrafa de água tônica para a mesa,

despejou o conteúdo no copo com um movimento rápido e experiente do pulso. A mulher sentada à mesa tamborilava os dedos na base para copos, à espera. A sua postura tornara-se mais alerta e animada desde que o homem entrara na sala. Contemplou o pôr do sol lá fora como se este lhe despertasse interesse, embora não lhe tivesse prestado atenção nenhuma antes. Quando o homem regressou e pousou as bebidas, uma gota de cerveja transbordou e ela observou a sua descida rápida pela lateral do copo.

Estavas a dizer que acabaste de te mudar para cá, comentou ele. Não foi?

Ela fez que sim com a cabeça, bebeu um trago da sua bebida e passou com a língua no lábio superior.

Porque é que fizeste isso?, perguntou ele.

Como assim?

Quer dizer, não há muita gente a mudar-se para cá, por norma. As pessoas costumam ir-se embora, isso, sim, seria a coisa mais normal. Não é como se tivesses vindo à procura de trabalho, pois não?

Oh. Não, nem por isso.

Um entreolhar momentâneo entre ambos pareceu confirmar que ele esperava uma explicação. A expressão dela mudou, como se estivesse a tentar tomar uma decisão, e depois esboçou um pequeno sorriso informal e quase conspiratório.

Bem, há algum tempo que andava a querer mudar-me, explicou ela, e depois falaram-me numa casa nos arredores da povoação — uma amiga minha conhece os proprietários. Ao que parece, estão a tentar vendê-la há muito tempo, pelo que acabaram por começar a procurar alguém que a arrendasse até lá. E eu achei que seria agradável morar perto do mar. Foi um pouco impulsivo, de facto. Por isso... Mas pronto, a história é essa, não houve outro motivo além desse.

Ele estava a beber e a prestar-lhe atenção. Perto do fim da explicação, ela pareceu começar a ficar ligeiramente nervosa, o que se manifestou numa ligeira falta de ar e uma expressão algo autodepreciativa. Ele observou impassivelmente essa exibição e depois pousou o copo.

Certo, respondeu. E antes disso estavas em Dublin, era?

Em vários sítios. Estive em Nova Iorque durante uns tempos. Sou de Dublin, acho que já to tinha dito. Mas morei em Nova Iorque até ao ano passado.

E o que tencionas fazer, agora que estás aqui? Procurar trabalho ou algo do género?

Ela fez uma pausa. Ele sorriu e recostou-se na cadeira, sem tirar os olhos dela.

Peço desculpa por tanta pergunta, disse. Mas acho que ainda não percebi a história toda.

Não me incomoda. Mas não sou muito boa a dar respostas, como podes ver.

Trabalhas em quê, afinal? É a minha última pergunta.

Ela retribuiu o sorriso, agora mais tenso. Sou escritora, replicou. E tu, o que é que fazes?

Ah, nada tão invulgar como tu. Estou aqui a perguntar-me sobre o que escreverás, mas vou ficar calado. Trabalho num armazém, nos arredores da cidade.

A fazer o quê?

A fazer o quê, perguntas bem, repetiu ele, num tom filosófico. A recolher encomendas das prateleiras, pô-las num carrinho e depois levá-las para serem embaladas. Nada muito entusiasmante.

Quer dizer que não gostas do que fazes?

Claro que não, respondeu ele. Odeio aquela merda de sítio. Mas também não me iriam pagar para fazer uma coisa de que gostasse, não é verdade? O problema do trabalho é exatamente esse, se fosse agradável fazíamos-lo de borla.

Ela sorriu e respondeu que ele tinha razão. Lá fora o céu escurecera e as luzes no parque de caravanas estavam a começar a acender-se: o brilho aquoso dos candeeiros de exterior e as luzes amarelas mais quentes nas janelas. A empregada saíra de trás do balcão do bar e estava a passar um pano nas mesas vazias. A mulher chamada Alice observou-a durante uns segundos e depois voltou a sua atenção para o homem.

Então e o que é que se faz aqui em termos de diversão?, perguntou.

O mesmo que nos outros lugares. Há meia dúzia de pubs. Uma discoteca em Ballina, a mais ou menos vinte minutos de carro. E temos os parques de diversões, mas isso é mais para as crianças. Calculo que ainda não tenhas amigos por estas bandas, não é?

Acho que és a primeira pessoa com quem converso desde que me mudei para cá.

Ele arqueou as sobrancelhas. És tímida?, perguntou.

Diz-me tu.

Eles entreolharam-se. Ela já não parecia nervosa, apenas um pouco distante, ao passo que os olhos dele perscrutavam o rosto dela, como se tentassem perceber alguma coisa. Ao fim de um ou dois segundos, porém, não pareceu ter sido bem-sucedido.

Acho que é possível que sim, replicou.

Ela perguntou-lhe onde é que morava e ele respondeu que arrendava uma casa com amigos, ali perto. Olhando pela janela, acrescentou que a propriedade era quase visível do sítio onde se encontravam sentados, um pouco mais à frente do parque de caravanas. Debruçou-se sobre a mesa para lho mostrar, mas depois disse que afinal estava demasiado escuro. De qualquer modo, disse, é do outro lado. Ainda debruçado, os olhares deles cruzaram-se. Então ela fitou o colo e ele pareceu suprimir um sorriso, voltando a sentar-se. Ela perguntou-lhe se os pais ainda moravam na cidade. Ele respondeu que a mãe tinha falecido no ano anterior e que o pai estava «sabe Deus onde».

Quer dizer, o mais certo é estar num sítio como Galway, acrescentou. Não é como se fosse aparecer na Argentina ou algo do género. Mas não o vejo há anos.

Lamento imenso isso da tua mãe, disse ela.

Pois. Obrigado.

Também não vejo o meu pai há algum tempo. Ele... não é muito confiável.

Felix ergueu o olhar do copo. Ah, não?, retorquiu. Bebe uns copos, é?

Hum. E... inventa histórias, sabes.

Felix assentiu com a cabeça. Pensava que isso era mais a tua área, respondeu.

Ela corou visivelmente perante esse comentário, o que pareceu apanhá-lo de surpresa e até alarmá-lo. Engraçadinho, disse ela. Bem, bebemos mais uma?

Depois da segunda bebida tomaram uma terceira. Ele perguntou-lhe se tinha irmãos e ela respondeu que sim, um irmão mais novo. Ele disse-lhe que também tinha um irmão. No final da terceira bebida, o rosto de Alice estava rosado e os seus olhos vi-drados e brilhantes. Felix estava exatamente como entrara no bar, sem qualquer alteração de tom ou modos. Mas enquanto o olhar dela perscrutava a sala com mais frequência, revelando um interesse mais difuso no que a rodeava, a atenção que ele lhe prestou tornara-se mais atenta e focada. Ela agitou o gelo dentro do copo vazio, com um ar divertido.

Queres conhecer a minha casa?, perguntou ela. Queria tanto mostrá-la, mas não conheço ninguém que possa convidar. Quer dizer, hei de convidar os meus amigos, claro. Mas esses estão um pouco por toda a parte.

Em Nova Iorque.

A maior parte está em Dublin.

Onde é que fica a casa?, indagou ele. Dá para ir a pé?

Com certeza que sim. Aliás, tem mesmo de ser. Não conduzo, e tu?

Neste momento não. Ou melhor, não arriscaria fazê-lo. Mas tenho carta, sim.

Ai sim?, murmurou ela. Que romântico. Queres mais uma, ou vamos andando?

Ele franziu o sobrolho perante a pergunta, ou perante a formulação da pergunta, ou por causa do uso da palavra «romântico». Ela vasculhava a mala, a cabeça baixa.

Sim, vamos andando, porque não?, retorquiu ele.

Ela pôs-se de pé e começou a vestir o casaco, uma gabardina bege. Ele viu-a dobrar o punho de uma manga para ficar idêntica à outra. De pé, ele era pouco mais alto do que ela.

É muito longe?, quis saber.

Ela sorriu, com uma expressão divertida. Já te arrependeste?, perguntou. Se ficares cansado de andar, podes sempre abandonar-